

PEQUENO RELATO DE UM GRANDE ESFORÇO: “JOVEM E CONSUMO MUDIÁTICO EM TEMPOS DE CONVERGÊNCIA”

SHORT REPORT OF A GREAT EFFORT: “YOUNG AND MEDIA CONSUMPTION IN CONVERGENCE TIMES”

Nilda Jacks*

Mariângela Machado Toaldo**

Daniela Schmitz***

Dulce Mazer****

Erika Oikawa*****

Gisele Noll*****

Laura Hastenpflug Wottrich*****

Ronei Teodoro da Silva*****

Sarah Moralejo*****

RESUMO:

O texto objetiva apresentar as principais estratégias e procedimentos de uma pesquisa nacional comparativa, desenvolvida por 27 equipes, sobre as práticas e consumo

* Professora do PPGCOM / UFRGS. Pesquisadora 1 do CNPQ. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. njacks@ufrgs.br

** Professora da Fabico/UFRGS. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. mariangela.toaldo@ufrgs.br

*** Pós-doutoranda no PPGCOM/ UFRGS. Bolsista PNPd CAPES. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. danischmitz@ymail.com

**** Doutoranda no PPGCOM/UFRGS, bolsista CAPES. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. mazerdulce@yahoo.com.br

***** Doutoranda no PPGCOM/PUCRS, bolsista CAPES. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. erikaoikawa@gmail.com

***** Mestre em Comunicação Social pela Fabico/UFRGS. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. gisele.noll@gmail.com

***** Doutoranda em Comunicação e Informação PPGCOM/UFRGS. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. lwottrich@gmail.com

***** Doutorando em Comunicação e Informação PPGCOM/UFRGS. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. roneit@outlook.com

***** Doutoranda em Comunicação e Informação PPGCOM/UFRGS. RIO GRANDE DO SUL, Brasil. sarahmoralejo@yahoo.com.br

midiático de jovens brasileiros, em tempos de convergência midiática. Busca apresentar também alguns aspectos conceituais referentes ao âmbito do método, da metodologia e dos procedimentos técnicos. Trata-se de um estudo teórico-descritivo sobre a pesquisa que está em fase de finalização.

PALAVRAS-CHAVE: metodologia; jovem; convergência.

ABSTRACT:

The text aims to present the main strategies and procedures of a National Comparative Research, developed by 27 teams, about media practices and consumption of Brazilian youth in times of media convergence. It also seeks to present some conceptual aspects about the framework of the method, methodology and technical procedures. This is a theoretical and descriptive study about the research that is being finalized.

KEYWORDS: methodology, youth, convergence.

INTRODUÇÃO

Abordamos aqui uma pesquisa nacional comparativa desenvolvida por 27 equipes, uma em cada estado, incluindo o Distrito Federal, que reuniu pesquisadores de universidades federais e particulares, de várias áreas e níveis de experiência, compondo a Rede Brasil Conectado.

O trabalho de campo começou em 2012 e foi realizado em três etapas. A primeira consistiu de uma pesquisa sobre cada estado e sua capital, de cunho bibliográfico/documental, e muitas vezes *in loco*, para o levantamento de dados contextuais: históricos, geográficos, econômicos, demográficos, culturais, midiáticos etc. Além de prover informações para embasar a análise e a interpretação dos dados, foi uma maneira tanto de proporcionar uma imersão de cada equipe na realidade que seria estudada, como de dá-la a conhecer às demais equipes.

A segunda etapa combinou características e objetivos de um estudo piloto e de uma pesquisa exploratória, consistindo na execução de dois procedimentos: aplicação de um questionário junto a 10 universitários de classes populares, entre 18 e 24 anos, seguido da observação de uma semana do perfil do *Facebook* de outros 10 jovens¹. O questionário aplicado pelas equipes estaduais mapeou o consumo cultural e midiático de cinco moças e cinco rapazes, focando especialmente as plataformas digitais. A observação

do *Facebook* levantou as práticas, rituais, conteúdos disponibilizados e encaminhados, além do consumo midiático e cultural revelado pelos perfis selecionados.

A terceira e última etapa foi executada através de um questionário *online* disponibilizado para jovens de todo o país, cujas questões foram fruto dos resultados obtidos nas etapas anteriores. O questionário *online* foi inteiramente discutido com as equipes estaduais durante um encontro realizado em Brasília para debater as duas primeiras etapas e planejar essa última. Uma das decisões foi que a única delimitação aos respondentes seria a faixa etária, 18 a 24 anos, critério definido pelo IBGE, embora a pesquisa tenha trabalhado com um conceito mais amplo e complexo de juventude (TOALDO; JACKS, 2014).

Essas estratégias foram montadas para enfrentar o problema que está relacionado com a posse e/ou acesso às tecnologias digitais por parte de jovens das cinco regiões do país, a fim de saber se diferenças condicionadas por acessos distintos, em contextos diversos, podem definir práticas divergentes, ou não, no uso das plataformas midiáticas. O objetivo geral foi conhecer as realidades regionais brasileiras no que diz respeito ao uso e apropriação dos recursos multimidiáticos em processo de convergência, por parte de jovens.

ANÁLISE DOS CONTEXTOS

O contexto é uma das circunstâncias mais úteis para entender fenômenos sociais, segundo Stake (2011), e se reparte em muitos planos como o político, econômico, histórico, cultural, estético, assim como a família, a escola, a cidade, a religião, o trabalho, etc. É o pano de fundo para entender e explicar os fenômenos estudados, podendo responder várias perguntas relacionadas ao objeto.

Contexto e situação (STAKE, 2011, p. 60), não são o foco da pesquisa, estão em segundo plano, mas “nossas interpretações dependem de uma boa compreensão das condições, contexto e situação relacionados”. Ainda segundo ele,

O *contexto* é geralmente considerado algo mais estável, algo que não muda muito de um dia para o outro. A *situação*² é um segundo plano mais imediato, os eventos que estão ocorrendo naquele momento junto com as principais atividades de estudo”³ (STAKE, 2011, p.62).

Cáceres (1997) chama de “configuração” o procedimento que (re)constrói o cenário social e cultural onde o objeto da pesquisa será desenvolvido. Configuração é o resultado

da formatação das informações, expressando “a disposição relativa dos elementos de um todo. Sinônimo de estrutura, ela pode estar em movimento”, segundo Morfaux e Lefranc (2005, p. 109). Esse aspecto também é ressaltado por Cáceres (1997, p. 29) quando diz que “esses componentes não estão fixos, omapa⁴ se moveem paralelo a própria vida, a representa também em seu fluxo vital”⁵.

Tratando da produção, circulação e transmissão das formas simbólicas, Thompson⁶ (1995) propõe uma análise sócio-histórica, a fim de verificar a influência que exercem sob tais formas. Ele sugere alguns aspectos para o desenvolvimento da análise: situações espaço-temporais; campos de interação; instituições sociais e estrutura social. Milton Santos e María Laura Silveira (2011, p. 11), por sua vez, salientam a importância dos contextos para “enxergar a evolução das variáveis escolhidas dentro de uma situação, reconhecer as heranças e, ao mesmo tempo, as intencionalidades e a busca de sentido pela sociedade”. É analisando-os que se pode identificar os novos elementos que neles se inserem, suas relações com o que já existe e alterações que provocam no meio⁷.

Guardando as diferenças, são todas tentativas de articular os dados primários coletados e/ou construídos pelas pesquisas no nível micro aos dados mais amplos do contexto macrossocial⁸ para contemplar as relações intrínsecas entre as duas escalas⁹ sociais a que pertencem os sujeitos. Essa articulação forja uma estratégia de triangulação de dados (DUARTE, 2009) importante para investigações de enfoque qualitativo como a aqui descrita, recorrendo a diferentes tipos de dados para analisar o fenômeno em tempos, espaços e com indivíduos distintos.

No âmbito do levantamento empírico da pesquisa, o instrumento de coleta dos dados contextuais constituiu parte do “sistema de informação”¹⁰ que a alimentou, em todas as etapas, em especial para conhecimento e análise do contexto onde a pesquisa se desenvolveu.

Para criar esse “sistema de informação” foram desenvolvidos instrumentos de coleta de dados estaduais e das capitais, com a finalidade de levantar dados primários e secundários que possibilitassem o conhecimento sobre a realidade de cada região. Os dados levantados pelas equipes foram: a) aspectos históricos e geográficos (localização, extensão territorial, número de municípios, data de fundação, fundadores, origem do território e/ou população, principais acontecimentos históricos do século XX, principais

imigrações e fatores identitários); b) dados demográficos (número de habitantes, composição étnica, religião e escolaridade); c) dados socioeconômicos (produto interno bruto, PIB per capita, fundo de participação dos municípios, taxa de mortalidade infantil, salário médio mensal, taxas de natalidade, fecundidade e crescimento populacional, esperança de vida ao nascer, população economicamente ativa, renda, classificação nacional das atividades econômicas (CNAE 2.0), principais setores de atividade econômica e seus principais produtos e dados sobre o terceiro setor). Também foram levantados dados específicos sobre as capitais: d) bens representativos da cultura, tombamentos estaduais, nacionais e mundiais, valor anual destinado à cultura pelo município, dados sobre os espaços culturais ou de acesso público como cinemas, teatros, bibliotecas, centros culturais etc.; áreas naturais; espaços e equipamentos urbanos - ginásio, jardim botânico, ciclovias etc. -, principais eventos permanentes, assim como, aspectos do consumo cultural. Com o intuito de conhecer a oferta midiática foram coletadas informações sobre: e) estrutura midiática (jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão), operadoras de celular, provedores de internet, quantidade de celular por densidade de habitantes, quantidade de aparelhos de rádio e televisor por famílias e projetos de inclusão digital, promovidos pelos governos estaduais e municipais.

Dois textos monográficos¹¹ foram produzidos, para o estado e correspondente capital, expondo as principais configurações encontradas sobre os referidos contextos a partir dos dados levantados. Foi seguido um protocolo para agrupar e analisar os dados, partindo de informações históricas e geográficas para itens sobre demografia, economia, cultura e estrutura midiática e digital.

Assim se constituiu o “sistema de informação” que serviu de base à pesquisa, para que as equipes da Rede pudessem compreender a realidade socioeconômica, cultural e midiática de seu estado e capital. O sistema permitiu conhecer minimamente as realidades locais, partindo de um princípio básico dos estudos culturais, que aponta a importância de entender os contextos onde o estudo está sendo realizado para assim compreender o grupo investigado, sua história, interesses e condições de vida.

ESTUDO PILOTO

Sobre os estudos pilotos, Bailer, Tomitch e D’Ely (2011, p. 130) os consideram “uma mini-versão do estudo completo, que envolve a realização de todos os procedimentos previstos na metodologia de modo a possibilitar alteração/melhoria dos instrumentos na

fase que antecede a investigação em si”. Pode ser tomado, portanto, como um teste, em pequena escala, do método, procedimentos e técnicas propostos para determinada pesquisa, que no caso em questão estava combinado com uma pesquisa exploratória (apresentada no próximo item).

Ele é um instrumento valioso¹² que permite ao pesquisador chegar mais experiente ao contexto de sua pesquisa e com escolhas metodológicas mais afinadas. Sua importância cresceu no caso em questão, uma vez que também proporcionou um protocolo de treinamento das várias equipes distribuídas em todo território nacional, as quais são muito heterogêneas, tanto em relação à área de atuação, quanto de experiência em pesquisa de campo.

Como, em geral, um estudo piloto é utilizado com o objetivo de descobrir pontos fracos e problemas em potencial antes da realização da pesquisa propriamente dita, sua importância revelou-se na possibilidade de testar, avaliar, revisar e aprimorar os instrumentos e procedimentos, em especial a estrutura, sequência lógica e questões contidas no questionário que foi aplicado presencialmente junto aos jovens para levantar seu consumo midiático e as práticas desenvolvidas nas redes sociais.

O piloto também serviu para emergência de pistas e *insights* acerca deste consumo, que seriam detalhados em momento posterior da pesquisa. Nesse sentido, a análise quantitativa colaborou na construção e gestão da fase qualitativa da investigação, visto que organiza informações e gera interpretações relevantes que podem ser utilizadas na formulação de questões, cujo aprofundamento é possibilitado pela abordagem qualitativa.

Após aplicarem o questionário, composto de 168 questões¹³, as equipes inseriram os dados em uma planilha *online* (Google Forms), para ficar à disposição da equipe coordenadora para tabulação. A análise desses dados foi realizada com a utilização do software SPSS¹⁴, o que não havia sido definido originalmente, demandando a codificação de cada resposta às perguntas fechadas dos 270 jovens.

Na fase analítica foram geradas tabelas descritivas com contagem de frequências com dados de cada estado e panoramas regionais, bem como um cenário nacional do consumo midiático juvenil. Uma segunda etapa de exploração desses dados inclui cruzamentos mais sofisticados de grupos de variáveis ou seleção de casos específicos, como recortes por gênero, faixa de renda, região geográfica etc.

Durante o processo, as principais dificuldades em relação ao estudo piloto foram relacionadas à aplicação do questionário, pois muitas questões de múltipla escolha, que exigiam ordenação de preferências, não foram corretamente executadas¹⁵. Outros problemas ocorreram na transmissão dos dados do questionário via Google Forms para a equipe coordenadora, responsável pelas análises. A revisão a partir dos originais das equipes tomou muito tempo, todavia foi valiosa para identificar as falhas e aprimorar o protocolo.

PESQUISA EXPLORATÓRIA

Genericamente, pesquisa exploratória pode ser definida como um estudo prévio que tem por finalidade ampliar as informações do pesquisador sobre o assunto de sua pesquisa, tendo em vista seu aprimoramento rumo à elaboração de um projeto de pesquisa (SANTAELLA, 2001), no caso em questão referente à segunda fase, já com informações sobre os contextos de cada estado.

O procedimento exploratório compreendeu a observação e a coleta de informações de 10 perfis de jovens de cada estado - cinco rapazes e cinco moças, seguindo o mesmo segmento social do piloto. O objetivo foi observar os conteúdos disponibilizados e encaminhados nessa plataforma digital, além de captar indícios sobre as práticas, rituais, consumo midiático e cultural dos perfis selecionados.

As equipes receberam um protocolo detalhado sobre as estratégias e os procedimentos para procurar os perfis de interesse da pesquisa. Deveriam criar um perfil, devido à necessidade de adicionar os jovens como “amigo” para que a observação ocorresse da forma mais ampla possível e também para evitar a utilização dos perfis pessoais dos pesquisadores.

O segundo passo foi dedicado à identificação de jovens dispostos a terem suas práticas observadas. Cada equipe criou um formulário de triagem *online*, que continha os dados necessários para identificá-los com o interesse da pesquisa¹⁶. O *link* desse questionário foi divulgado em *fanpages* e em grupos no *Facebook* que tivessem clara vinculação com os contextos estaduais e que tivessem um número satisfatório de membros e de interações entre eles. Além dessas páginas, o *link* foi compartilhado nos perfis pessoais dos integrantes da Rede, enviado por e-mail para os contatos dos pesquisadores e divulgado através de notícias na imprensa e portais institucionais.

A partir dessas informações, as equipes iniciaram a seleção dos perfis, mantendo quantidade igual entre masculinos e femininos. Algumas equipes obtiveram baixo retorno do questionário de triagem, o que mobilizou a Rede na busca de participantes para os estados com dificuldades.

De posse da lista de perfis “aptos”, cada equipe entrou em contato com os jovens no próprio *Facebook*, explicando os objetivos da pesquisa e solicitando o aceite do pedido de “amizade” e a anuência para a realização da coleta das informações pessoais na rede social.

A coleta foi dividida em duas partes: uma dedicada aos dados pessoais disponibilizados - onde estudou, trabalhou e morou; religião e status de relacionamento -, além dos conteúdos “curtidos”, como livros, música, filmes, programas de TV, times, aplicativos etc.; e outra à coleta das postagens¹⁷ no período de sete dias consecutivos. O interesse principal foi o conteúdo da postagem, mas a coleta abrangeu outros níveis de informação, como “comentários” e números de “curtidas” e de “compartilhamentos”.

Um cuidado destacado no protocolo se referia à forma de armazenamento dos dados para viabilizar a análise no NVivo¹⁸. Tendo em vista as especificidades desse programa, foi solicitado que toda a coleta fosse armazenada em arquivos com extensão *.doc*, um dos formatos aceitos pelo *software*.

Nessa fase, os principais problemas na execução do protocolo foram relacionados à adequação do *corpus* para ser analisado no NVivo. Destacam-se: arquivamento de todos os *posts* em um único documento; captura das informações por meio de “*print*”, gerando apenas imagens dos dados; envio de coletas em outros formatos que não o *Word* e captura de postagens e perfis com informações que não seriam analisadas.

Os problemas mais gerais foram: falta de informações necessárias à análise; envio de menos perfis do que o estipulado; pouca divulgação do *link* do questionário de triagem em alguns estados; e pouca familiaridade de algumas equipes com o *Facebook*, o que dificultou o processo de criação de perfis e de coleta dos dados¹⁹. Além disso, o próprio *Facebook* dificultou a criação de perfis de equipe por entender que deveriam ser *fanpages* e não perfis.

QUESTIONÁRIO ONLINE

Nesta última etapa, a única definição em relação ao grupo a ser investigado foi a determinação etária, manteve-se o intervalo entre 18 e 24 anos, mas sem qualquer delimitação de classe ou condição educacional²⁰.

Após a análise preliminar dos dados do piloto e da pesquisa exploratória, foram definidos os eixos a serem explorados no questionário *online*. Com foco nas práticas dos jovens, foram concebidas 31 questões (das quais seis abertas) número definido a partir dos objetivos da pesquisa e seguindo a experiência de participação na elaboração do questionário da pesquisa *The reception of The Hobbit: a global comparative film audiences research Project*²¹. Ela resultou em reflexões profícuas à elaboração do questionário *online* tratado aqui, sendo fundamentais para decisões quanto à plataforma e a disposição do questionário, o número de perguntas, a definição das abertas e fechadas, disposição das alternativas de respostas nas questões fechadas, elaboração de questões com alternativas secundárias, ou derivadas de questões anteriores, entre outros fatores. Ainda que algumas perguntas fossem fechadas, as opções de resposta exploravam práticas, rituais e preferências, visando também um tratamento qualitativo dos dados, o que foi completado com as respostas abertas coletadas.

A primeira versão do questionário circulou entre as equipes, para seu refinamento e adaptação às realidades das cinco regiões. Cada equipe recebeu espaço, ao final do questionário, para explorar dez questões de seu interesse, para além das relativas ao tema ou aprofundando-o no âmbito de seu estado. No total, 18 equipes disponibilizaram o que foi chamado de “questionário regional”²².

Uma série de pré-testes foi realizada entre os membros da equipe e com jovens da faixa etária definida. O banco de dados foi extensivamente testado, para garantir que a codificação das respostas estivesse correta e compatível com o *software*. O questionário foi disponibilizado em 12 de agosto de 2014, dia mundial da juventude, após três meses envolvendo a elaboração das perguntas, discussão entre as equipes, alterações e pré-testes.

As equipes receberam de antemão um protocolo com as estratégias de divulgação do questionário *online*. Uma série de materiais foi criada para dar suporte às equipes: cartas convite para instituições de ensino e professores, releases para imprensa,

mensagens para redes sociais, banner digital, cartazes e imagens para compartilhamento no *Facebook*. O protocolo também apresentava ações de divulgação, entre elas, a seleção de contatos para envio do release e identificação de instituições e eventos chave do universo juvenil.

No *Facebook*, a estratégia de divulgação envolveu: convite aos pesquisadores da Rede para usarem o material gráfico em suas páginas pessoais e entre seus contatos, grupos e páginas curtidas; busca por grupos e páginas que estivessem relacionados à pesquisa em comunicação; contato com pesquisadores da área, bem como líderes de movimentos juvenis, convite a grupos de comunicação para colaborarem na divulgação do questionário; criação de um evento²³ convidando a responder e compartilhar o questionário, ampliando a rede de divulgação²⁴.

Também foram realizadas chamadas diárias no perfil oficial da Rede e de colaboradores da pesquisa no *Facebook* e em outras redes, como o *Twitter*, o *Google+* e o aplicativo *WhatsApp*, que possibilita o envio de mensagens instantâneas multimídia via celular.

Não houve perfil oficial da pesquisa no *Twitter*, mas os pesquisadores utilizaram a rede a partir dos seus perfis, divulgando diariamente o *link* do questionário, acompanhado de mensagens que convidavam os jovens a responderem e conhecerem a pesquisa, bem como *links* para materiais multimídia desenvolvidos para a divulgação. Além disso, foram utilizadas duas ferramentas desta rede: a *hashtag* #redebrasilconectado, que foi veiculada como marcação oficial da campanha de divulgação; e o *pin*²⁵, que deu destaque ao *post* contendo o *link* do questionário na página inicial dos pesquisadores.

Ao longo das sete semanas em que o questionário esteve *online*, algumas equipes criaram e compartilharam com toda a Rede outras formas de divulgação, como vídeos, *spots* e imagens com chamadas descontraídas, mobilizando jovens em todo o país. Com a produção desse material de divulgação, criou-se um *tumblr*²⁶ para a pesquisa com o objetivo de articular o conteúdo multimídia com maior eficiência, porém, encontrou-se dificuldade de localizar usuários que se identificassem como brasileiros, o que tornaria a divulgação mais eficiente. Esse material também foi divulgado por *Instagram* a partir dos perfis pessoais dos pesquisadores. No *WhatsApp*, foi feito a partir dos contatos pessoais dos pesquisadores e de iniciativas de buscar grupos locais divulgados no *Facebook*.

PESQUISA COMPARATIVA, MÉTODO, METODOLOGIA: TERMINANDO PELO COMEÇO

Como a pesquisa se propôs a ser comparativa, começou daí a formulação teórico-metodológica, tratando de algumas diferenças entre instâncias, que Cáceres (1997) faz ao evidenciar que “método é o caminho e metodologia, a reflexão sobre o caminho” percorrido pela pesquisa, aspectos que estão explorados de forma breve aqui.

Método, no nível epistemológico, é a maneira de construir conhecimento. Neste âmbito grande parte dos autores consultados afirma que o método comparativo é inerente à pesquisa social, um tipo de raciocínio apto a perceber semelhanças e diferenças, descobrir regularidades, deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificar continuidades e rupturas (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998)²⁷.

A origem desta formulação está na própria fundação da sociologia por Augusto Comte, desenvolvendo-se em diferentes direções com Durkheim e Weber, na tentativa de chegarem à explicação e generalização sociológica, cada qual à sua maneira. Como método, ou seja, configurador do processo e raciocínio de produção de conhecimento, há muitas implicações de ordem epistemológica, segundo a perspectiva que as proposições que cada um dos autores acima tomou (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998).

Em todas as disciplinas, o método comparativo tem sido empregado de maneiras muito diversas dependendo da relação entre teorias gerais, quadros conceituais, técnicas e hipóteses de pesquisa, mas de maneira geral há dois momentos em sua aplicação: momento analógico, relacionado à identificação das semelhanças, e contrastivo, dedicado à busca das diferenças entre os casos estudados²⁸.

Antonio Gil (1999) também reconhece este método como de ampla utilização nas ciências sociais porque oportuniza o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais e o subdivide em dois tipos. Aqueles que oferecem as bases lógicas para a pesquisa, ou seja, os caminhos e configurações referidos anteriormente - a instância epistemológica -, que são o dedutivo, indutivo²⁹, hipotético-dedutivo, dialético, fenomenológico. E os que indicam os meios técnicos de pesquisa - a instância metódica nos termos de Immacolata Lopes (1990) -, as estratégias metodológicas. É neste âmbito que Lopes (1990) classifica a comparação, juntamente com o método experimental, observacional, estatístico, clínico e monográfico³⁰.

Eva Lakatos e Marina Marconi (1991), por sua vez, replicam esta classificação, mas não incorporam como método científico o fenomenológico, acrescentando à lista de Gil o método histórico, tipológico, funcionalista, estruturalista, o que instaura outra ordem e mostra o quanto é dispar o entendimento desta matéria. Elas, entretanto, assumem com ele a subdivisão, propondo chamar de “método” (no singular) o que Gil nomeia como “bases lógicas” da pesquisa e “métodos” (no plural), o que ele denomina como meios técnicos.

Maria Lúcia Santaella (2001) defende que método (no singular) é a abordagem, a lógica, os tipos de raciocínio; e métodos (no plural) é o procedimento, as especificidades, as quais atendem a outros princípios classificatórios³¹. Lopes(1990)refere-se à metodologia “da” pesquisa e “na” pesquisa concordando com a lógica dos autores acima.

Esta divisão ajuda na identificação de âmbitos intermediários entre o epistemológico e o disciplinar e é neste segundo nível, neste “entre”, que é possível localizar a pesquisa comparativa, aquela que não usa o método comparativo em sua dimensão mais radical, mas estratégias comparativas para chegar ao que descrevem Lakatos e Marconi (1991, p. 107): procedimentos que permitem “analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais”. Ainda segundo elas, a pesquisa comparativa é empregada em estudos de largo alcance, tanto para estudos qualitativos como quantitativos, e como estratégia a comparação pode ser utilizada em todas as fases e níveis da pesquisa: nas descritivas para encontrar analogias entre elementos de uma estrutura, nas classificações para construção de tipologias, nos estudos explicativos ou no nível explicativo da pesquisa para apontar vínculos causais, entre outros fatores.

Há autores que chamam de descritivo-comparativo os estudos que comparam descrições de casos (MERUANE; CASTRO, 2009), o que, para outros, trata-se de comparação multicase (diferente de estudo de um caso ou de muitos de forma paralela), tendo como instância “os modos de investigar”, ou seja nível metódico ou técnico (LESSARD-HÉBERT et al, 2005).

É no âmbito dos estudos de caso e da teoria fundamentada que os autores mais reconhecem este movimento analítico, o que não significa uma filiação imediata com o método comparativo em termos epistemológicos. Aquilo que Daniel Bertaux (2010) chama do “espírito comparativo”, o qual conduz ao que denomina como pesquisa etnossociológica. Ele considera que a comparação é o cerne da pesquisa, o que resultará

em um modelo analítico advindo dos dados empíricos, que terão sido trabalhados de tal maneira que chegará um momento de saturação, quando a pesquisa terá provisoriamente terminado. Ele está falando do método com “M” maiúsculo, ou seja, no singular conforme Lakatos e Marconi (1991) e “da” pesquisa como concebe Lopes (1990).

A pesquisa comparativa, entretanto, pode comparar dados, ou dados podem ser comparados em qualquer pesquisa, mas isto não necessariamente significa adesão ao método comparativo. As comparações em qualquer dos casos não são tributárias do nível epistêmico, mas atuarão como instrumentos analíticos do nível dos procedimentos e técnicas. É o que indica Santaella (2001), citando Chizzotti, que classifica a pesquisa comparativa no âmbito das pesquisas analíticas, a qual figuraria ao lado da histórica, funcional, estrutural, sistêmica e dialética, abrindo outra vez o leque para a diversidade de princípios e critérios classificatórios de métodos e tipos de pesquisa, revelando a falta de consenso entre os metodólogos.

O fato de não estar comprometida com o nível epistemológico não desqualifica a pesquisa comparativa³², a qual tem grande valor heurístico na medida em que pode relativizar dados empíricos, desenvolver teorias menos genéricas, melhorar o entendimento sobre os fatores culturais e sociais que configuram certos fenômenos, levantar novas hipóteses sobre determinado objeto, testar conceitos entre muitos outros objetivos.

No campo da comunicação, Jensen (1998) afirma que, entre outras coisas, ajuda a desenvolver teorias, por exemplo, sobre os lugares da mídia no cotidiano de suas audiências e aspectos particulares de determinado meio, ambos podendo ser identificados quando comparados e contrastados através de diferentes contextos culturais e históricos, o que pode gerar mudanças de políticas de diferentes ordens.

Comparar dados primários e secundários de diferentes fontes sobre o contexto de cada capital, estado e região, além dos dados quantitativos e qualitativos gerados em campo resultará em um dimensionamento concreto do fenômeno que envolve a cultura juvenil e as redes sociais, desvendando singularidades e contrastes. A pesquisa “Jovem e consumo midiático em tempos de convergência” irá operar, como etapa final, uma análise comparativa nacional para verificar como é a atuação dos jovens brasileiros a partir de suas práticas socioculturais e diferentes condições de acesso às tecnologias digitais, regidas por diferentes condições estruturais.

Por fim, vale comentar o desafio de fazer pesquisa de âmbito nacional em um país com tamanha dimensão e com tantas diferenças de oferta e acesso às informações necessárias para contextualizar as realidades estaduais e regionais em prol do entendimento do objeto empírico.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey C.; GIESEN, Bernhard; MÜNCH, Richard; SMELSER, Neil J. (comp.). *El vínculo micro-macro*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1994.

BAILER, Cyntia; TOMITCH, Leda Maria Braga; D'ELY, Raquel Carolina Souza. Planejamento como processo dinâmico: a importância do estudo piloto para uma pesquisa experimental em linguística aplicada. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. XXIV, p. 129-146, 2011.

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de Vida*. A pesquisa e seus métodos. São Paulo/Natal: EDUFRRN/ Paulus, 2010.

CÁCERES, Luis Jesús Galindo. *Sabor a ti*. Metodología cualitativa en investigación social. Xalapa: Universidad Veracruzana, 1997.

CÁCERES, Luis Jesús Galindo. *Ingengería en comunicación social y promoción cultural*. Sobre cultura, cibercultura y redes sociales. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2011.

CÁCERES, Jesús Galindo. Contextos ecológicos y sistemas de información y comunicación. Configuraciones, trayectorias, matrices situacionales y contextos de posibilidad en lo social. El caso de las redes de investigación. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, Medellín, v. 24, n. 2, p. 56-91, 2001.

CÁCERES, Jesús Galindo. Sistemas de información, sistemas de comunicación y configuración social: algunos elementos de memética y sociocibernética de la vida social. *Escribania: comunicación, cultura y región*, Colombia, n. 9, p. 49-56, 2003. Disponível em <http://www.cibersociedad.net/congreso/comms/g13galindo.htm>

DUARTE, Teresa. A possibilidade de investigação a 3: reflexão sobre a triangulação (metodológica). *CIES E-Working Paper*, Lisboa, n. 60, p.1-24, 2009. Disponível em: http://cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GUBER, Rosana. *El selvaje metropolitano*. Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo. Buenos Aires: Paidós, 2005.

JACKS, Nilda; CAPPARELLI, Sérgio. **TV, Família e Identidade. Porto Alegre “fim de século”**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

JENSEN, Klaus Bruhn (ed.). **News of the World. World cultures look at television news**. London: Routledge, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LESSARD-HÉBERT et alli. **Investigação Qualitativa. Fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LOPES, Maria Immacolata V. de. **Pesquisa em Comunicação. Formulação de um modelo metodológico**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

LOPES, Maria Immacolata V. de. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação. In BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata V. de; MARTINO, Luiz Claudio (orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

MERUANE, Paulina Salinas; CASTRO, Manuel Cárdenas. **Métodos de Investigación Social**. Quito: Intiyan/CIESPAL, 2009.

MORFAUX, Louis- Marie; LEFRANC, Jean. **Novo dicionário da filosofia e das ciências humanas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia Prática**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 15ªed. Rio de Janeiro: RECORD, 2011.

SCHNEIDER, Sérgio; SCHMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas ciências sociais. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v.9, p.49-87, 1998.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos: hacia el desarrollo de un urbanismo desde los ciudadanos**. Metodología. Bogotá. Convenio Andrés Bello/ Universidad Nacional de Colombia, 2004.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa. Estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TOALDO, Mariângela M. Toaldo; JACKS, Nilda. Juventude? De que juventudes estamos falando? In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; LIMA, Fernanda Deborah Barbosa (orgs.). **Juventude: consumo, mídia e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Gramma, p. 61-77, 2014.

NOTAS

1. Sendo no mesmo segmento, Orozco (PPGCOM/UFRGS, Porto Alegre, 17/ 9 de 2009: palestra) defende que não se constitui um problema metodológico, ao contrário, expande o âmbito de análise.
2. Stake (2011, p. 62), diz que “(...) os teóricos inventaram a palavra ‘situacionalidade’, referindo-se à atenção dada a determinados lugares, períodos, cenários sociais, estilos de comunicação e outros aspectos para as atividades e relações de estudo”.
3. Stake (2011) diz que não há limites entre o que está em primeiro e segundo planos, os eventos se misturam.
4. Grifo nosso. Noção explorada por Silva (2004) em “Imaginários urbanos: hacia el desarrollo de un urbanismo desde los ciudadanos”.
5. “Estos componentes no están fijos, el mapa se mueve en paralelo a la vida misma, la representa también en su flujo vital” (CÁCERES, 1997, p. 29).
6. Propõe a Hermenêutica de Profundidade para analisar formas simbólicas socialmente contextualizadas.
7. Para eles, as tecnologias se tornam elementos condutores da análise do contexto porque provocam transformações no meio em que são utilizadas, mas há outros fatores: desenvolvimento da infraestrutura e o dinamismo da economia e da sociedade (SANTOS; SILVEIRA, 2011, p. 21).
8. Para outras possibilidades ver (JACKS; CAPPARELLI, 2006).
9. Ver também ALEXANDER, Jeffrey C.; GIESEN, Bernhard; MÜNCH, Richard e SMELSER, Neil J. (comp.), 1994.
10. Segundo Cáceres (2001, 2003), toda a pesquisa deve iniciar pela criação de um “sistema de informação”, que irá alimentar sua execução e terminar com um “sistema de comunicação”, que irá garantir sua divulgação e uso social.
11. Procedimento para articular informações sobre onde os processos de comunicação se dão, procurando traçar o perfil das cidades, bairros, estados, a partir de dados primários e secundários (CÁCERES, 1997; 2011).
12. O estudo piloto também pode “garantir que cada um renderá resultados próprios para responder as perguntas de pesquisa; antever resultados; avaliar a viabilidade e utilidade dos métodos de coleta em cada fase de execução; revisar e aprimorar os pontos necessários” (BAILER; TOMITCH; D’ELY, 2011).
13. 20 eram questões abertas.
14. Criado na década de 1960, o *Statistical Package for the Social Sciences* é um dos programas de análise estatística mais utilizados nas Ciências Sociais. Permite produzir tabelas e gráficos; análises preditivas a partir de identificação de repetições; identificação de padrões e tendências nos dados.
15. Em alguns casos, os jovens deram uma nota de um a cinco a cada opção de resposta, o que fez com que o ordenamento de preferência se perdesse.
16. A saber: nome, *link* do perfil no Facebook, cidade/estado de nascimento, idade, escolaridade e renda familiar.
17. Cada postagem foi copiada em *Word*, nomeado pelo nome do perfil e número de postagem. Se tivesse um link para outros sites, deveria ser copiado e colado logo abaixo do *post* coletado. No caso de *link* para vídeos, foi solicitado, sempre que possível, a realização do download do conteúdo.
18. Versão atual do QSR NUD*IST, o programa permite reunir em um só projeto diferentes tipos de arquivos, como textos, fotografia e vídeos, em formatos variados. Ajuda na organização e análise de informações não estruturadas, possibilitando a visualização de cada etapa do projeto, desde o armazenamento das fontes.

19. Mesmo com tutorial para criar perfis para a pesquisa no *Facebook*, bem como um *link* com o passo a passo, em vídeo, para a elaboração de questionário no *Google Forms*.
20. Mesmo assim, uma questão sobre a renda familiar e sobre a formação educacional foi mantida, possibilitando realizar cruzamentos com os dados das fases anteriores.
21. Coordenada por Martin Barker e Matt Hills da University of Aberystwyth (Reino Unido) e Ernest Mathijs da University of British Columbia (Canadá) para estudar a recepção dos filmes *O Hobbit* em 46 países, da qual participam alguns pesquisadores da Rede Brasil Conectado sob a coordenação de Nilda Jacks/ UFRGS. Informações: <http://www.worldhobbitproject.org>.
22. Um programador desenvolveu a interface do questionário e criou um banco de dados compatível com o SPSS, utilizado para tratar das questões fechadas. As abertas serão tratadas no NVivo.
23. <https://www.facebook.com/events/862364317107046>
24. Cogitou-se pagar publicidade no Facebook, mas o serviço era demasiadamente caro.
25. Permite a fixação de *tweets* mesmo que o usuário faça novas publicações. Isso possibilitou uma maior visibilidade da pesquisa.
26. Plataforma de blog que possibilita a publicação em diversos formatos. Seu usuário pode “seguir” outros blogs, comentar e “reblogar” postagens, além de integrar sua conta em outras redes sociais.
27. Seria o substituto do método experimental das ciências naturais e a garantia de objetividade científica nas pesquisas sociais. Durkheim chamou de método da ‘experimentação indireta’ (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998).
28. É possível citar três tipos de estudos: 1) exame sistemático da covariação existente entre casos, buscando gerar e controlar hipóteses; 2) formulação de teoria a partir da análise de uma série de casos usando um conjunto de conceitos e categorias ou um modelo concreto; 3) contraste de casos para chegar à evidência de suas diferenças e semelhanças. Eles podem ser complementados entre si (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998).
29. O método abductivo proposto por Peirce não aparece nestas classificações.
30. Paviani (2009) propõe três significados para método: 1) o caminho, direção, orientação; 2) modos básicos de conhecer (analisar, descrever, sintetizar, explicar, interpretar); 3) conjunto de regras, procedimentos e de instrumentos e técnicas para obter informações (questionários, entrevistas, observação etc).
31. Sistemas e correntes filosóficas que trabalham com os fundamentos do conhecimento como a fenomenologia; epistemologias disciplinares ou “regionais” como as geradas na história e antropologia; teorias com alto grau de generalidade como funcionalismo, sistemismo, estruturalismo e semiótica; métodos analíticos advindos de operações mentais como a abstração, responsável pelas classificações e tipologias, e a analogia pelo método comparatista; teorias específicas que propõem redefinições operacionais dos conceitos teóricos para aplicação empírica (SANTAELLA, 2001).
32. Bom exemplo de pesquisa comparativa são os estudos do OBITEL (Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva) coordenados por Maria Immacolata Lopes e Guillermo Orozco Gómez, no qual participam pesquisadores do México, Brasil, Estados Unidos, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Portugal, Uruguai e Venezuela para analisar anualmente uma determinada temática relacionada à ficção televisiva. A análise empreendida pelas equipes toma em conta cinco dimensões do fenômeno: produção, exibição, consumo, comercialização e as temáticas que são selecionadas a cada ano.

Artigo recebido: 05 de março de 2015

Artigo aceito: 08 de abril de 2015